

LOUIS TROLLE HJELMSLEV, CONTINUADOR DE SAUSSURE

Julienne Cristian Silva Pinto

Uma limitação no nosso campo visual era o preço
para arrancar da linguagem seu segredo
(Hjelmslev, 1943)

Resumo: Kenji Tatsukawa (2005) considera que Louis Tolle Hjelmslev é o verdadeiro continuador de Ferdinand de Saussure, mas ainda um grande desconhecido entre os estudiosos da Linguística contemporânea. Com base nessa proposição, teço contribuições ao debate acerca dos projetos hjelmsleviano (HJELMSLEV, [1943] 1975) e saussuriano (SAUSSURE, [1916] 2006), buscando fortalecer aproximações e realçar diferenças, a partir de uma leitura panorâmica. Para esse fim, alguns conceitos extraídos dos textos de Badir (2005), Bigot (2010), Fiorin (2003) e Jovanović (1991) fazem parte da reflexão.

Palavras-Chave: Hjelmslev. Saussure. Linguística do século XX.

INTRODUÇÃO

Conforme o estudo realizado pelo linguista José Luiz Fiorin, em *O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa*, publicado pela Revista Fórum Epistemologia, em 2003, a teoria produzida por Hjelmslev é permeada pelos duplos escassez de recepção e severas críticas. As opiniões dos detratores, a seu ver, são conduzidas pelos estereótipos que foram disseminados através do tempo, concernentes ao formalismo extremo, à despreocupação com a História, à exclusão dos aspectos culturais da linguagem e à dimensão do sujeito. No entanto, quem se ocupa em fazer tais censuras não leva em consideração o contexto em que sua obra está inserida, isto é, a Linguística do século XX. A partir desse critério, é possível reconhecer a especificidade do trabalho realizado e destacar em que medida o esforço analítico fez

avancar o projeto científico de Saussure, o qual é o responsável pela transformação da Linguística em ciência.

No que diz respeito à esteira biográfica, Hjelmslev nasceu em 1899 na cidade de Copenhague, Dinamarca. Estudou Filologia Comparada na Universidade local e fez outros cursos para o aperfeiçoamento, em universidades europeias. Em 1937, tornou-se professor titular de Linguística Comparada da referida Universidade. Para o linguista Aleksander Jovanović (1991), inicialmente, ele dedicou suas pesquisas ao lituano com “Estudos Bálticos” (1932), tal qual Saussure, fato este que contribuiu, consideravelmente, no desenvolvimento de seu legado teórico. Para além disto, entre os anos 1926 e 1927, fixou-se na França, onde pôde conviver com os linguistas Antoine Meillet e Joseph Vendryès. Tal deslocamento geográfico também permitiu que ele trabalhasse com o linguista Viggo Brøndal (1887-1942), o que lhe rendeu frutos duradouros.

Seguindo esse raciocínio, em 1928, com 29 anos de idade, Hjelmslev publicou seu primeiro livro, a saber, os *Princípios de Gramática Geral* que já fazia reverberar comprometimento e rigor científico. Pouco tempo depois, em 1934, criou o *Círculo Linguístico de Copenhague*, em parceria com Brøndal, e, entre 1935 e 1937, lançou seu trabalho intitulado *A categoria dos casos*. Trata-se de um estudo centrado na gramática geral, como ressalta o já citado Jovanović (1991, p. 183), no qual ele examina a teoria dos casos em diacronia, propõe um enfoque original e estuda, a partir de um conjunto de exemplos oriundos de sistemas linguísticos diversos, até mesmo do grupo caucásio, as manifestações dos casos. Pela precisão na articulação da análise, essa obra continuou sendo estudada por linguistas posteriores, como os pós-estruturalistas Charles Fillmore e Bernard Pottier.

Considerando a prosperidade da parceria com Brøndal, em 1938, eles fundaram a Revista *Acta Linguística*, com o subtítulo

Revista Internacional de Linguística Estrutural. Sobre a questão, a linguista Margot Bigot (2010) destaca que no primeiro número da revista Brøndal publicou o *Manifesto estruturalista*, e isso colaborou para que o termo “estruturalista” fosse divulgado nos estudos linguísticos europeus. É interessante ainda frisar que, durante a Segunda Guerra Mundial, não obstante a desoladora ocupação nazista, Hjelmslev escreveu quase de maneira simultânea dois trabalhos relevantes, tais quais *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1943) e *A linguagem* (1943). Esta última obra apresenta uma interpretação da gramática histórica, realizada por meio de uma tipologia linguística geral materializada no estruturalismo. Enquanto a primeira fundamenta a dimensão de seu projeto científico, como veremos a seguir.

PONTO DE VISTA DO PROJETO HJELMSLEVIANO

Quando Fiorin (2003) avalia as ressonâncias da fortuna teórica de Hjelmslev, assinala que em *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* está inserido o seu projeto científico. Pelo seu crivo, se o termo prolegômenos significa “noções ou princípios básicos para o estudo de um assunto qualquer; princípios” (p. 20), o que Hjelmslev buscou, à luz dessa obra, foi estabelecer quais seriam os princípios norteadores e necessários para a constituição de uma ciência da linguagem ou ciências das linguagens.

Desde o início do livro, Hjelmslev se interroga sobre a importância da Linguística reconhecer a relevância da linguagem para a humanidade, enquanto reflexo da personalidade dos indivíduos, do lugar em que eles nascem, da nação à qual pertencem, do sentido de pertencimento planetário, da vida nua ou até mesmo ser o veículo para que as coisas, efetivamente, se desenvolvam. Eis o fragmento que ilustra serenamente a questão:

A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. Mas é também o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador. Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida cotidiana até os momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor (HJELMSLEV, [1943] 1975, p. 1-2).

Observa-se que, para atingir o objetivo de constituir novas bases para a Linguística, ele combateu, mesmo que involuntariamente, o transcendentalismo, cujos estudos pautados na linguagem não privilegiavam o entendimento do fenômeno linguístico, mas se concentravam na exterioridade da linguagem. Assim, a ciência-piloto¹ era tida como um meio e jamais um fim em si mesmo. Dito de outra forma, os linguistas utilizavam o conhecimento e os instrumentos linguísticos para estudar o que não fazia parte desse campo de estudo. Por exemplo, a partir de abordagens psicológicas, buscavam decifrar a psique do autor, ou utilizavam análises sociológicas, com o intuito de entender a dinâmica das relações sociais.

Ressalta-se que a oposição de Hjelmslev ao transcendentalismo não foi uma novidade entre os estudiosos da Linguística. Saussure ([1916] 2006, p. 18) já havia declarado

¹ Em “O que é um autor?” (1992), Michel Foucault atribui a Saussure o mérito de fundador da cientificidade, logo, também o reconhece como o precursor da Linguística moderna, vista aqui enquanto ciência-piloto.

guerra à tendência transcendentalista quando elaborou o princípio imanentista: “a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”. Depreende-se que a linguística deixaria de ser considerada uma ciência que recorre aos conceitos de outras áreas do conhecimento ou é derivada delas. Assim, o estudo da linguagem não seria mais realizado a partir de uma conjuntura de fatos extralinguísticos (físicos, fisiológicos, psicológicos, lógicos, sociológicos, históricos, etc.), mas “como um todo que se basta a si mesmo, como uma estrutura *sui generis*” (FIORIN, 2003, p. 21).

Uma vez que as ideias que vicejam esse projeto teórico, outrora proclamado no *Curso de Linguística Geral* (1916)², pretendem entender o fenômeno linguístico, no interior da linguagem, Hjelmslev (1971, p. 30) defende a construção de uma linguística estrutural, com abordagem centrada em sua estrutura interna: uma *linguistique-linguistique* ou *linguistique immanente*. É pelo mesmo motivo que ele se opõe ao discurso humanista, a fim de estudar a estrutura da linguagem com princípios formais. Nessa motivação, procura pela constância da linguagem que se sustenta através de diversas manifestações, e a tradição humanista nega a legitimidade dessa busca. Fiorin (2003) esclarece que tal recusa pode parecer falta de reconhecimento das variações da fala, mas significa, apenas, que isso não alcançou um papel primário em sua teoria. Ainda assim, o sujeito falante não foi lançado fora da Linguística, o que se constata na seguinte citação:

A teoria linguística é levada por necessidade interna a reconhecer não apenas o sistema em seu esquema e seu uso, em sua totalidade assim como nos seus detalhes, mas também o homem e a sociedade humana

² Doravante CLG.

presentes na linguagem e, através dela, elevar-se ao domínio do saber humano em sua totalidade. A teoria da linguagem atingiu assim o objetivo que se atribuiu: *humanitas et universitas* (HJELMSLEV, 1971, p. 160).

Além disso, em prol de sua teoria linguística, Hjelmslev, junto ao colaborador Hans Jørgen Uldall, desenvolveram a Glossemática, método de peso, que ofereceu um meio concreto de transformar a Linguística em um modelo metodológico para as demais ciências humanas. Segundo Jovanović (1991, p. 183), “os estudos semióticos-linguísticos, posteriores aos anos 70, conseguiram atingir esse alvo, de maneira considerável”.

Para Bigot (2010), a Glossemática consiste em investigações puramente estruturais, considerando a língua uma série de relações mútuas. Deste ponto de vista, a Glossemática atua como um tipo de cálculo que desempenha o papel de formalizar a análise descritiva das línguas. Eis o que o semiótico Sémir Badir (2005, p. 1-2) diz a respeito:

Hjelmslev foi, segundo creio, no início dos estudos linguísticos, mas de uma maneira que os transcende, o adversário involuntário (e apesar do seu *Résumé*) de um sistema epistemológico datado: o positivismo lógico. Noutros termos, há um “desespero” hjelmsleviano, análogo àquele que impediu Saussure de publicar, que consiste na impossibilidade de conciliar as microanálises da Glossemática com os grandes preceitos epistemológicos que, entretanto, essas análises requerem, mesmo que seja à sua revelia.

Neste caso, é evidenciado certo desespero de Hjelmslev, visto que necessitaria de um esforço hercúleo para, supostamente, dar conta da complexidade de sua teoria na prática. Em paralelo a Saussure, quem estuda sua obra sabe que quanto mais ele avançava, em seus estudos e indagações didáticas, mais desacreditava do que era ensinado a respeito da linguagem, a ponto de lhe sobrevir o que Benveniste (1976) denominou de “drama do pensamento”. Esse estado emocional

influenciou diretamente na abstenção de publicar os fundamentos de sua teoria. Mas isso não é, evidentemente, a única similitude entre Hjelmslev e Saussure, como será discutido doravante.

(DES)CONTINUIDADES ENTRE HJELMSLEV E SAUSSURE

Há quem considere que Hjelmslev negou a tradição linguística que o precedeu, de maneira ainda mais radical, quando elegeu Saussure como o único pioneiro (cf. FIORIN, 2003). Sendo assim, para ele continuar realmente o projeto da ciência linguística, seria necessário “esquecer o passado e fazer tábula rasa de tudo aquilo que nada forneceu de positivo”. Nesta fórmula, apenas Saussure foi considerado: “um único teórico merece ser citado como pioneiro indiscutível: o suíço Ferdinand de Saussure” (HJELMSLEV, 1978 [1954], p. 182). Ressalta-se que esse movimento não constitui, de modo algum, um retrocesso ou uma insurgência do linguista dinamarquês aos primórdios da Linguística, mas representa, sobretudo, um comprometimento com a continuidade da transformação operada pelo mestre genebrino. Para tanto, extrai dele a afirmação de que “a língua é forma, não substância” (SAUSSURE, 2006, p. 141) e desautoriza a importância que havia sido dada a substância (fônica ou semântica) a favor das relações recíprocas entre os elementos estruturantes.

Segundo as circunstâncias,

a principal tarefa da teoria da linguagem é explicar as premissas científicas para o estudo das línguas, evitando ao máximo as premissas implícitas. Para isso deve estabelecer um sistema de definições. As definições devem ser formais e não realistas, ou seja, devem determinar os objetos em relação a outros objetos igualmente definidos ou pressupostos (FIORIN, 2003, p. 28).

Visto que não há cientificidade na substância, mas nas dependências, o linguista, à luz da teoria, deve fazer um cálculo para mapear as diversas possibilidades de dependências. Para Bigot (2010), outra diferença, prenhe de consequências, diz respeito aos termos da dicotomia saussuriana: relações paradigmáticas (associações entre as palavras que se formam mentalmente) e relações sintagmáticas (encadeamento linear das unidades da língua). Essas duas relações são para Hjelmslev, respectivamente, sistema e processo, sendo que este último se refere ao texto oral e escrito. Diante disso, o método dedutivo adotado para a descrição das línguas considera a divisão sucessiva do texto (oral ou escrito) em elementos até esgotar a análise. Tal metodologia realçaria o objetivo visado: encontrar o sistema da língua.

Na concepção de Fiorin (2003), a descrição é sustentada pelo princípio do empirismo, segundo o qual, a teoria necessita conduzir o linguista a resultados que constam nos dados da experiência. Isto é, nos próprios textos. Atacar o método indutivo, utilizado pela linguística anterior, em favor do método dedutivo (saber sistemático), surge da constatação de que os linguistas não chegavam nas constantes das línguas, mas apenas descobriam casos particulares.

Convém mencionar que, para Hjelmslev, o processo no texto apresenta um sistema subjacente e, dentro do texto e do sistema, há relações definidas. Além disso, “para um mesmo tipo de relação [Hjelmslev] utiliza um termo geral, e termos distintos segundo se referem estas relações ao sistema ou ao processo ou ao texto” (BIGOT, 2010, p. 73).

Há questões gerais em que as relações procedem:

Relações	Processo	Sistema
Interdependências	Solidariedade	Complementariedade
Determinações	Seleção	Especificação
Constelações	Combinação	Autonomia

A análise de Bigot (2010), dedicada ao exame das três relações apresentadas, demonstra que àquela denominada Interdependência determina a função entre as constantes, isso significa que os termos se pressupõem mutuamente. Tal explicação indica que o termo função não é interpretado no sentido usual da gramática tradicional, mas se refere à dependência entre os termos, sendo que, os funtivos determinam quais são os termos que se relacionam. Em sua contribuição para o debate, Fiorin (2003, p. 30) confirma que “funtivo de uma função é um objeto que tem uma função com outro objeto”.

Nesse contexto, destaca a existência de dois tipos de funtivos: constantes e variáveis. A presença do primeiro é indispensável para a realização do funtivo pelo qual mantém uma função. Por conseguinte, a presença do segundo não é condição para a existência de outro funtivo que contrai função. Em todos os aspectos, a distinção é clara a seu criador: “na função que a consoante contrai com uma vogal para formar uma sílaba, a vogal é a constante e a consoante é a variável” (HJELMSLEV, [1943] 1975, p. 40).

Em relação ao Processo no texto, denominado Solidariedade, supõe-se que “não existe preposição sem seu objeto, nem o objeto de uma preposição sem ela” (FIORIN, 2003, p. 28). Já para o Sistema de complementariedade, “uma língua não pode ter vogais sem ter consoantes e vice-versa (idem).

Quanto à questão de gênero, Bigot (2010, p. 7) acrescenta que para existir gênero feminino é necessário a ocorrência do gênero masculino, e vice-versa.

No âmbito da relação por Determinação (lê-se função entre uma constante e uma variável), Bigot (2010, p. 10) adverte que um termo pressupõe o outro e não o contrário. A partir disso, o Processo no texto por Seleção indica que o adjetivo determina o substantivo. É uma condição *sine qua non* para sua existência. Por outro lado, conforme Fiorin (2003, p. 28), “na sílaba, uma consoante pressupõe uma vogal, mas a vogal não pressupõe a consoante”. Nos termos da operação, Sistema por especificação, quesito número, define que “o duplo exige que existam singular e plural, mas não vice-versa; pode haver singular e plural sem ter duplo” (BIGOT, 2010, p. 74). Além disso, “numa língua, a desinência supõe a existência de radicais, mas o contrário não é verdadeiro” (FIORIN, 2003, p. 28).

A relação por Constelação (lê-se função entre as variáveis), de acordo com Bigot (2010, p. 74), implica que “nenhum dos termos pressupõe o outro”. Por esse motivo, o Processo no texto, denominado Combinações, dá garantias de que “pode haver objeto direto sem que haja objeto indireto e vice-versa”. Por seu turno, o Sistema conduzido pelo Autonomia estabelece um horizonte em que “a categoria de gênero não pressupõe a categoria de número” (idem). Fiorin (2003, p. 28) ainda coloca que “numa língua, podem aparecer juntos morfemas de gênero e de número; no entanto, um não pressupõe o outro.”

Os critérios explícitos na sua teoria conduzem Hjelmslev a aceitar que o linguista trabalhe com textos, mas sem que eles sejam os objetos específicos da linguística. Isso porque, os textos não podem ser determinados antes da análise, restando-lhes o papel de servirem como veículos para que tais objetos sejam constituídos. Badir (2005, p. 2) ressalta que essa especificidade

dos textos não pode ser reconhecida a priori, isto é, antes da análise textual ter sido realizada. Assim, os objetos da análise linguística, intitulados por Hjelmslev de formas linguísticas, são deduzidos. Inclusive, é possível verificar as categorias do sistema da língua.

Na medida em que a discussão avança, percebe-se que Hjelmslev teceu críticas ao signo linguístico descoberto por Saussure, visto que a relação entre o significado e o significante pode ser contraditória, de modo a não ser possível saber com exatidão o que é o signo. Diante disso, segundo seu parecer, é preciso repensar a definição de signo saussuriana, sobretudo porque esses dois funitivos são tomados em instâncias separadas e a existência da função semiótica não é nem mensurada. Em compensação, a dicotomia significado e significante é reelaborada como uma relação de dependência, entre os planos conteúdo e expressão, resultante na função semiótica.

No entender de Jovanović (1991, p. 184), houve uma revisão radical do signo saussuriano:

O signo em Hjelmslev é conteúdo e expressão, estabelecendo-se entre ambos uma relação de dependência tal que ao significado de Saussure correspondem a substância (semântica) e a forma (semêmica) do conteúdo, e ao significante de Saussure, a forma (fonêmica) e a substância (fônica) da expressão.

Paralelamente, no interior da teoria, ele critica a formulação sobre a língua, a saber, “a língua elabora suas unidades ao constituir-se entre as massas amorfas” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 131). A este respeito, vejamos o que Bigot (2010, p. 75) diz: “para Hjelmslev, não há base [científica] para afirmar que o conteúdo (pensamento) ou a substância da expressão (cadeia de sentidos) preceda a língua em tempo e ordem hierárquica. A massa amorfa não é demonstrável senão pela língua”. Assim, a língua é considerada uma forma entre duas

substâncias, sendo que a substância jamais precede a forma como em Saussure, mas é efeito desta. A primeira depende da segunda, portanto, não existe de maneira independente.

Bigot (2010, p. 13) acrescenta, inclusive, que Hjelmslev recusa a ideia de que o signo linguístico é uma unidade fundamental. Como consequência, a língua tende a elaborar novos signos em número ilimitado. Para este fim, signos são construídos a partir de não-signos limitados chamados figuras³. Logo, se na teoria saussuriana a língua é um sistema de signos, no projeto hjelmsleviano ela é um sistema de figuras combinatórias que originam os signos. A coexistência da forma do conteúdo e da forma da expressão se dá por partes menores, respectivamente, os pleremas e os ceremas, e a Glossemática se ocupa da relação entre estas unidades.

Convém assinalar que, na obra de Hjelmslev, o conceito de linguagem é uma teoria semiótica e não uma teoria das línguas naturais. Dito de outra forma, a linguagem é qualquer estrutura interpretável nos planos do conteúdo e da expressão. Todavia, considerando o estudo de Bigot (2010), a semiótica assume três modalidades: 1) Semiótica denotativa que significa as semióticas em que nenhum dos planos é uma semiótica, porque elas operam com um plano da expressão e um plano do conteúdo; 2) Semiótica conotativa, cujo plano da expressão é uma semiótica, como, por exemplo, o uso literário da língua; 3) Metalinguagem ou metasemiótica, na qual o plano do conteúdo é uma semiótica. Ou seja, a língua técnica utilizada para a descrição das línguas naturais.

³ Fiorin (2003) menciona que a análise dos signos vinculado a figuras não alcançou o resultado esperado, mas foi importante na descrição de campos semânticos distintos.

Nas explicações fornecidas, percebe-se que a semiótica conotativa não é científica, visto que apenas um plano é considerado uma semiótica e sua operação é realizada com base no empirismo. Sobre a questão, Fiorin (2003) nos esclarece que a semiótica conotativa reconhece os aspectos sociais, culturais, históricos, políticos, religiosos e psicológico dos signos, mas a análise é feita de acordo com princípios puramente formais. Por sua vez, a metassemiótica é uma semiótica científica, em que um plano também é uma semiótica. Hjelmslev ([1943] 1975, p. 126) afirma que a própria Linguística é uma metassemiótica. Nesse enquadramento, a semiótica denotativa, como se afora, refere-se à expressão de um conteúdo. Dessa maneira, o projeto hjelmsleviano, baseado nas propriedades formais da linguagem, desenvolve um estudo racional acerca das linguagens. Ressalta-se que seus resultados foram, convenientemente, retomados pela semiótica francesa. Mas essa é uma conversa para outro momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura do projeto hjelmsleviano ([1943] 1975), posta em relação com o CLG ([1916] 2006), deixou claro que seus autores tiveram um papel preponderante na construção da Linguística do século XX. Todavia, há controvérsias na avaliação que estudiosos fazem dos seus trabalhos, uma vez que, ora são vistos como censores daquilo que não foi bordado em suas teorias, ora os consideram pioneiros de problemáticas que não faziam parte dos estudos linguísticos de seu tempo. De modo que, no pacto metodológico dos dois, há aproximações e distanciamentos.

Sabe-se que Saussure é reconhecido como o pai da Linguística por vários autores (cf., a título de exemplo, BENVENISTE, 1976; CULLER, 1979; DAVIS, 1997; AGAMBEN, 2007) e isso se deve ao empenho realizado para formular uma

terminologia precisa que explicasse os fatos linguísticos objetivamente. Ao considerá-lo como referência fundamental, Hjelmslev complementa e amplia a transformação na Linguística imposta pela publicação do CLG. Não obstante a impossibilidade de seu projeto levar a cabo uma análise exaustiva do plano do conteúdo das línguas naturais, conforme a interpretação de Fiorin (2003).

Vale ressaltar que a complexidade da obra do referido linguista dinamarquês não ofusca a obrigatoriedade da leitura, para os que se aventuram nos estudos linguísticos e na interdisciplinaridade, visto que assim como Saussure, ele contribuiu no desenvolvimento dos estudos sobre o signo e a semiótica. Certamente, o método utilizado, com base na lógica matemática, atraiu oposições intelectuais, mesmo assim devemos reconhecer que seu projeto foi revolucionário ao fazer uma pesquisa em “epistemologia pura” influenciada fortemente pelas concepções inspiradoras de Saussure. Dessa forma, o legado teórico dos dois linguistas em análise constitui o rol dos clássicos, cujas leituras e interpretações jamais se esgotarão (CALVINO, 1998).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. A barreira e a dobra. In: AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias: a palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

BADIR, Sémir. Noção de texto em Hjelmslev. *Cadernos de Semiótica Aplicada*. v. 3, n. 2, dezembro de 2005, p. 1-5.

BENVENISTE, Emile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística geral*. Trad. Maria da Glória Novak e Luiza Neri. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1976.

BIGOT, Margot. Apuntes de Linguística antropológica. Centro Interdisciplinário de Ciências Etnolingüísticas y Antropológico-sociales, 2010, p. 71-83.

- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- CULLER, Jonathan. *As ideias de Saussure*. Trad. Carlos Alverto da Fonseca. São Paulo: Cultrix, 1979.
- DAVIS, Hayley. Ordinary people's philosophy: comparing lay and professional metalinguistic knowledge. *In: Language Sciences*, 1997, p. 33-46.
- FIORIN, José Luiz. O projeto hjelmsleviano e a semiótica francesa. *Galáxia*, Fórum epistemologia, n. 5, abril, 2003, p. 19-52.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (Org.). *Saussure: a invenção da Linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 1992.
- HJELMSLEV, Louis Trolle. *Essais linguistiques*. Paris: Minuit, 1971.
- HJELMSLEV, Louis Trolle. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. de J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, [1943] 1975.
- JOVANOVIĆ, Aleksandar. Hjelmslev: um nome fundamental para a linguística do século XX. *Revista USP*, 1991, p. 183-185.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. de Antônio Chelini e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, [1916] 2006.
- TATSUKAWA, Kenji. *Louis Hjelmslev le véritable continuateur de Saussure*. *Linx*. Revue des linguistes de l'université Paris X Nanterre, 1995, p. 1-7.